

UMA RONDONIENSE

CRISTINA COURINOS LIMA LARGOU O LUGAR ONDE NASCEU PARA ACOMPANHAR OS FILHOS QUE VIERAM ESTUDAR NA CAPITAL FEDERAL

Cristiano Mariz/Especial para o CB

3 MIL
RONDONIENSES
MORAM
NO DF

MARIANA MAINENTI
DA EQUIPE DO CORREIO

Quando Lena, a filha mais velha, disse que estava vindo para Brasília, a mãe não hesitou: "Vamos todos para lá, então", decidiu Cristina Courinos Lima, hoje com 58 anos. E deixou sua amada Rondônia para vir com toda a família para a capital federal, onde haveria mais oportunidades de estudo e trabalho para todos. Vivendo na cidade há 13 anos, Cristina faz parte de uma geração de migrantes que, diferentemente das anteriores, não se mudou para Brasília atrás do marido (ou da mulher) ou dos pais, mas, sim, seguindo os próprios filhos.

Lena prestou vestibular e passou. Ela viveu durante um ano e meio na Casa do Estudante da Universidade de Brasília (UnB) até que a família veio para Brasília. "Sou do estilo antigo, vim para Brasília por causa dos meus filhos, larguei todo o resto que eu amava", conta Cristina. Além disso, na mesma época em que Lena passou no vestibular, um irmão dela, Juliano, estava namorando uma moça em Brasília: "Aí vi mesmo que tinha de me apressar". E apressou-se. Funcionária do Banco do Brasil em Porto Velho, Cristina logo pediu transferência para a capital.

Da rotina em Brasília, ela se queixa do isolamento. "Aqui é como um viveiro. Cada pássaro



"AQUI É COMO
UM VIVEIRO.
CADA PÁSSARO
ENTRA
PARA A SUA
GAIOLA E LÁ
FICA. É DIFÍCIL
QUE HAJA UMA
REVOADA"

entra para a sua gaiola e lá fica. É difícil que haja uma revoada", diz. Mas Brasília também lhe trouxe presentes. "Aqui ganhei os meus netos", conta, apontando para Guilherme, de 4 anos, que ela chama de "a estrelinha da família".

Hoje, Cristina tem dois irmãos morando em Brasília com suas famílias. E, sempre que pode, recebe em casa parentes e amigos de Rondônia. "Muitos deles vêm para fazer consultas nos hospitais de Brasília, que são melhores, e aproveitam para passear pela cidade", conta.

Ela tem saudade da terra natal, onde foi criada e construiu fortes amizades. Os olhos brilham quan-

do se recorda da cachoeira de Santo Antônio, que foi o ponto de construção inicial de Porto Velho. "É uma bênção da natureza", diz. Cristina nasceu em Abunã, cidade próxima à capital. Com carinho, guarda trenzinhos feitos de madeira, réplicas dos originais, que circularam pela mítica ferrovia Madeira-Mamoré, construída no começo do século 20, a custo da morte de 6 mil operários, segundo cálculos mais utilizados pelos historiadores.

Quando a mãe morreu, após um parto difícil, Cristina tinha 13 anos. Ela, o pai e doze irmãos mudaram-se para a capital, Porto Velho. A adolescente fez a prova de admissão para o curso normal

de magistério Carmela Dutra e ganhou uma bolsa de estudos de nove cruzeiros, a moeda da época, que ajudavam a pagar o material escolar. Já acostumada a cuidar dos irmãos mais novos, certa vez ela tratou os filhos de um casal e saiu-se tão bem na tarefa que recebeu em troca um emprego no Banco do Estado do Acre. Lá, ela conheceu o marido, Juvenal Leandro Rocha, de 59 anos, que mais à frente embarcou junto no projeto Brasília. "Para mim e para os meninos foi ótima a mudança para Brasília", diz Rocha, que, já aposentado, descobriu em Brasília uma nova vocação: "Agora que sou avô é que estou sendo pai de verdade".